

ARTIGO

NARRATIVAS DE HISTORIA DE VIDA E PROJETO DE FUTURO NO ESTUDO DO PROCESSO DE IDENTIDADE

Resumo

Essa reflexão sobre “Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade” parte da experiência profissional comprometida com a realidade social e, do percurso acadêmico que me possibilitou a apropriação de um método de investigação para o estudo da identidade humana. A análise aqui exposta fundamentou-se no referencial teórico de Ciampa sobre o sintagma Identidade-metamorfose-emancipação, nos pressupostos da dialética Hegeliana, assim como, no materialismo histórico Marxista. Observou-se que esse método possibilita o narrador expor suas atividades no mundo em relação com o outro, permitindo ao investigador identificar o processo de identidade, assim como, fundamentar as condições sociais e historicamente engendradas que são reunidas em torno do indivíduo.

Palavras-Chave: Narrativas; História de vida; Projeto de Futuro; Identidade.

Abstract

This reflection about “Narratives of life story and future project in the study of the identity process” starts from the professional experience committed to social reality and from academic course that allowed me the appropriation of a research for the study of human identity. The exposed analysis was based on Ciampa’s theoretical reference to the syntagma identity-metamorphosis-emancipation, in the assumptions of the Hegelian dialectic, as well as in Marxist historical materialism. It was observed this method allows the narrator to expose his activities in the world in relation to the other, allowing the investigator to identify the identity process, as well as to substantiate the social and historically engendered conditions gathered around the individual.

Keywords: *Narratives; Life’s history; Future Project; Identity.*

* Doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil(1997). Professor Doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

A temática dessa mesa propicia a recordação do caminho que trilhei ao longo de alguns anos no estudo da identidade humana. A gênese desse percurso foi marcada por um projeto de atuação profissional comprometida com a realidade social.

O estágio curricular supervisionado – ao final da graduação em psicologia - na Unidade Educacional da FEBEM derivou reflexões sobre o caminho em curso. Novos desejos e configurações foram emergindo. A experiência vivida na atividade cotidiana da instituição possibilitou sistematizar o projeto de pesquisa que deu origem ao Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado “Atuação Social do Psicólogo”.

Final de 1978, concluída a formação em psicologia a atuação profissional se concentrou em instituições: primeiramente na prefeitura de São Paulo e quatro anos depois em uma instituição escolar particular. As questões emergentes no contato com adolescentes institucionalizados, ou não, abriram perspectivas de atuações profissionais ainda não visualizadas. Na busca por novos conhecimentos a fim de compreender a realidade vivida, o mestrado em Psicologia Social na PUCSP apresentou-se como possibilidade. De modo que, na segunda metade da década de 1980 me encontrava como mestranda fazendo a dissertação sobre o tema: o processo de identidade do adolescente. Na ocasião, orientada por Antonio da Costa Ciampa inicie o estudo com o objetivo de investigar Identidade enquanto categoria síntese que teve sua continuidade no doutoramento. Contudo, o que destaco aqui é a trajetória percorrida na consolidação de um método de investigação.

Nas pesquisas desenvolvidas por Ciampa, desde meados de 1980, identidade é entendida no processo de formação social que, se dá como metamorfose no movimento histórico em busca da emancipação que, constitui o humano concreto em individualidades e coletividades, articulado como história da sociedade e da natureza (1987).

Partindo desse pressuposto a narrativa da história de vida aparece como nos diz Queiroz (1987 p. 284), como uma possibilidade de “captar o que sucede na encruzilhada da vida social com o individual”. A marcha individual da formação da identidade, a partir das diversas relações na coletividade, torna-se, então, visível.

Para tal investigação o método deve permitir captar a dinâmica do processo de identidade sem que esta, ao revelar, oculte os próprios dados coletados, ou ainda, sem correr o risco de direcionar o conteúdo desses. Uma entrevista em que iria captar depoimentos poderia não oferecer esta dinâmica.

Por outro lado, o contato diário com um grupo de adolescentes permitiu-me observar que os jovens, ao desempenharem um papel social (como por exemplo, o de aluno), ao mesmo tempo em que revelavam, ocultavam algumas ações e posturas

que apareciam em outros ambientes sociais. Descartei assim, a possibilidade de uma investigação a partir de observação direta do grupo, já que seria necessário observar os adolescentes em outros ambientes, além do escolar. E esta condição não me era acessível, além de não ser suficiente para compreender o sentido que cada um atribuía a sua vida.

A reflexão sobre essas dificuldades e o pressuposto dialético de que, na singularidade estaria contida a universalidade do social levou-me a considerar que estudos de casos individuais poderiam tornar a pesquisa viável. Mas, como captar a dinâmica da identidade? Inspirada em Ciampa, na estória do Severino e na História da Severina (1987) - tese em que trabalha com a estória do Severino contada por João Cabral de Melo Neto no poema “Morte e Vida Severina” e a história da Severina, narrada por ela mesma - assim como, as observações de Habermas (1983) me deram suporte teórico para concretizar uma metodologia de estudo de caso em que a narrativa, mediada pela linguagem e a memória, ganhasse destaque.

[...] pode existir uma evidência esmagadora quanto à identidade corpórea de uma pessoa, mas para ter certeza quanto à identidade da pessoa temos que abandonar a atitude proposicional e interrogar com atitude prática o interessado sobre sua identidade, pedindo-lhe para identificar-se por si mesmo. (p. 22)

Defini assim, como método de investigação a narrativa autobiográfica (história e projeto de futuro) na qual o sujeito que narra é considerado uma totalidade que se manifesta na particularidade de uma história. Essa manifestação se dá na dinâmica da narrativa na qual o narrador não utiliza para se definir, atributos ou características, mas relata atividades, representações, relações com os outros, assim como revela sentimentos, angustias, alegrias, etc., mergulhados e eclodidos nas relações no mundo, no desempenho da atividade.

Como a atividade vivida no mundo envolve um encadeamento de ações “para a satisfação de uma necessidade comum” (Lane, 1992), no mundo narrado está contida a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos, pessoas mais significativas, enfim, coletividades a que pertence ou pertenceu, circunscrevendo as relações com todas as pessoas que de uma forma ou de outra entraram em contato com o que narra. A narrativa possibilita que a dinâmica da temporalidade - passado e futuro - coexiste no presente da narração.

Habitualmente, o procedimento metodológico inicial é provocar a narrativa do sujeito com a pergunta “Quem sou eu?”. A resposta é de certa forma a operacional-

lização da representação da identidade. Entretanto, gostaria de discutir o uso deste procedimento no estudo da identidade a fim de entendermos para onde ele nos leva.

Ciampa (1987) na estória do Severino e na História da Severina pondera e considera insatisfatória a resposta do sujeito à pergunta “Quem sou eu?” porque ela capta o aspecto representacional da noção de identidade (enquanto produto), mas deixa de lado seu aspecto constitutivo, de produção, bem como as implicações recíprocas de ambos os aspectos. Mas, “a própria representação pode ser considerada como um processo de produção, de tal forma que a identidade passe a ser entendida como um processo de identificação” (Ciampa, 1987, p. 65).

Dessa forma entendeu-se o relato da história e projeto de vida não só como um produto, mas como o próprio processo de produção. Na análise da história autobiográfica o sujeito considerado é aquele que narra, que se expressa pela fala numa história. Sua narrativa é um momento empírico, um agora do discurso que é uma parte de um todo, isto é, um agora que contém uma série e outros agoras.

O agora e o indicar do agora são assim constituídos que nem o agora nem o indicar são simples imediato, e sim um movimento que contém momentos diversos. Põe-se este, mas é um Outro que é posto, ou seja, o este é suprassumido. Se ser-Outro, ou suprassumir do primeiro, é, por sua vez, suprassumido de novo, e assim retorna ao primeiro. No entanto, esse primeiro refletido em si mesmo não é exatamente o mesmo que era de início, a saber, um imediato; ao contrário, é propriamente algo em si refletido ou simples, que permanece no ser-Outro o que ele é: um agora que é absolutamente muitos agoras (ou) horas. E esse agora – uma hora – é também muitos minutos, e esse agora igualmente muitos agoras, e assim por diante (Hegel, 1992: 79-80).

Para a dialética Marxista segundo Konder (1988, p. 36) “[...] o conhecimento é totalizante e a atividade humana em geral, é um processo de totalização que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada” porque sempre em transformação e em qualquer situação nos encontramos com problemas interligados, necessitando sempre de uma visão de conjunto para solucioná-los. Agora, a visão da totalidade, na dialética nunca é a soma das partes, mas a integração delas.

Considera-se, portanto, que o empírico (narrado) só pode ser conhecido se considerado no confronto da totalidade e suas partes que se modificam no percurso da história, assim como na dialética a “verdade” só é real no movimento de um processo dinâmico e histórico.

Cabe ainda esclarecer que no materialismo histórico a mediação, enquanto categoria indica que, nada é isolado porque na expressão das relações concretas estabelece vínculo mútuo e dialético de momentos diferentes de um todo. Estamos

sempre em processo numa multiplicidade de relações contraditórias mutuamente. Esse processo implica uma conexão dialética de tudo que existe, uma busca de aspectos afins, manifestos no processo em curso. Assim como, ao utilizar a categoria mediação vivenciamos a possibilidade de romper dicotomias tais como:

“[...] interno-externo, objetivo-subjetivo, significado-sentido, assim como afastar-nos das visões naturalizantes, baseadas numa concepção de homem fundada na existência de uma essência metafísica. Por outro lado, possibilita-nos uma análise das determinações inseridas num processo dialético, portanto, não causal, linear e imediato, mas no qual as determinações são entendidas como elementos constitutivos do sujeito, como mediações.” (Aguiar, Ozella, 2006, p. 225)

Assim, o Homem se constitui no processo de relação social e a linguagem é instrumento deste processo, é a mediação entre o Homem e a Sociedade. A concepção da realidade vivida é expressa no jogo verbal e na narrativa da História de vida e do projeto de futuro.

Tais reflexões possibilitam transformações específicas na técnica da entrevista junto ao depoente, de modo que, a questão desencadeadora da narrativa se transforma, adquire nova forma passando a constituir-se como: relate-me sua história de vida e seu projeto de futuro de modo que responda a pergunta “Quem é você?”.

A dimensão social adquire existência, na história, através da linguagem, na medida em que o narrador expressa os significados sociais e os sentidos que atribui a estes.

Na tentativa de discutir significado e sentido recorro mais uma vez a Aguiar e Ozella (2006) e reproduzo a seguinte fala:

[...] é preciso compreendê-los como constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Dessa forma, na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido. Afirma-se, assim, que o sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente a uma realidade. (p.226).

O narrador relaciona em sua história, progressivamente, suas lembranças e experiências com as atitudes presentes e projetos de futuro, constituindo enquanto falante que expõe a si mesmo. Assim, o plano intersubjetivo, das relações, é convertido, no processo de desenvolvimento, em um plano intra-subjetivo. A subjetividade é constituída através de mediações sociais e a linguagem - representa a síntese entre

objetividade e subjetividade (produto social e construção subjetiva individual) por meio do processo de apropriação do significado social e da atribuição de sentidos pessoais.

Cabe, assim, ao pesquisador definir a coleta de dados baseada na história de vida e projeto de futuro com o objetivo de dar voz ao entrevistado, possibilitando uma situação na qual este pode ter uma “atitude de exploração”. (Michelat, 1981, p. 193), no sentido da possibilidade do narrador manifestar seus desejos, emoções, experiências e identificações contidas na representação do eu, além das interligações entre estes.

Ao utilizar a narrativa como procedimento para o estudo do processo de identidade e defini-la como método de investigação e análise o objetivo posto consiste em identificar os significados da história narrada e os sentidos atribuídos pelo narrador e isso ocorre, segundo Habermas (1987) através de um movimento dialético estabelecido entre a interpretação dos textos e o contexto sociocultural em que se produziu a fala.

Ora, esse método de investigação ao considerar o indivíduo como um sujeito histórico e social, sustenta-se na dialética, segundo a qual, a consciência não está separada da realidade e não é unicamente individual, mas está sempre imersa na realidade, sendo esta sempre social, “portadora de uma cultura e de uma história que é da espécie, de seu trabalho, de suas conquistas” (Garaudy, 1966, p. 45)

Em contato com a leitura de uma narrativa de história de vida e projeto de futuro, aparecem-nos personagens e estes é a forma empírica, assumida pela identidade, como afirma Ciampa (1987, p. 134).

Entretanto, a presença do personagem, quase sempre se torna visível quando conseguimos captar certa unidade de ações em torno de um sujeito (oculto) não necessariamente nomeado ou evidenciado, a qual ganha um sentido que o caracteriza, tanto quanto o conjunto das ações cuja unidade está dispersa no relato.

A partir da narrativa de Alice - jovem que narrou sua história de vida – (Alves, 1997) podemos identificar melhor o significado de personagem aqui mencionado. Quando conta seu relacionamento com o professor da escola, a narradora deixa transparecer sua admiração pelo conhecimento e as experiências dele (o professor).

Foi no plano intelectual que eu me identifiquei muito com ele, no plano da vivência que ele teve nos seus 18, 20 anos! [...] a relação foi mais cabeça do que de corpo, foi mais uma identidade entre duas pessoas, de personalidade mesmo, de desejo comum! [...] E ele preenchia esse lado do intelecto, do espírito, passou tranquilidade, passou profundidade e chamou a atenção. (Alves, 1997, p. 23)

A jovem narra, ainda, que teve a mesma identificação com outro professor: “[...] foi uma pessoa que eu também me envolvi no plano espiritual”. (Alves, 1997, p. 23)

No decorrer da narrativa, ao falar sobre o relacionamento atual com um rapaz do cursinho, aparece claramente a admiração por homens mais velhos e experientes:

“Eu tenho uma leve tendência a me envolver com pessoas mais velhas [...] é pela experiência de vida [...] é uma pessoa que me chama a atenção.” Fala ainda sobre seu projeto de futuro: “[...] dos meus ideais [...] é estar trabalhando comigo a questão do ser aberta para coisas novas [...] Estar sempre abrindo para relações acho que é uma forma de você crescer, você conhecer, e também de sabedoria [...]”. (Alves, 1997, p.24).

Estes fatos narrados em diferentes momentos pela jovem Alice, ao serem alinhavados no contexto, isto é, cada fato narrado como parte de uma totalidade (a história) permitiu a emergência de uma personagem que busca a sabedoria, o conhecimento: Alice, a aprendiz de sábio.

As personagens ganham vida no desempenho de seus papéis, surgindo assim, a possibilidade de caracterizá-los e detectá-los, mesmo nos diversos tempos cronológicos ou narrados.

Considero, ainda, que o relato manifesta duas posições: o acontecido e o processo de construção no próprio ato de relatar. A própria narrativa possibilita a articulação, através da memória e da linguagem, atribuindo novos sentidos a sua história e ao projeto do vir a ser. Alice nos possibilita compreender esse processo quando, após relatar sua história em vários momentos de encontro, manifesta-se à pesquisadora afirmando: “Hoje será nosso último encontro em que digo quem sou, porque cada vez em que faço isso percebo novas formas de compreender o que vivi e o que planejo”.

Como nos lembra Bosi (1994, p. 68) “*A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar, é a sua memória*”. Assim, é no presente que se articula o movimento entre o vivido (passado) e o que deve ser vivido (futuro), no presente está contido o passado e o projeto de futuro que me definem e se transformam a cada momento.

Afirma Bosi (1994, pp. 458-459): “*O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia*”.

Ao contar sua história o narrador conta o que fez - os fatos e as pessoas com quem teve contato, deixando transparecer as normas sociais que internalizou no processo de socialização. Relaciona, progressivamente, essas experiências do passa-

do com suas atitudes presentes, como também com um projeto de futuro proporcionando ao leitor, a sensação de que está relatando, além de sua história, também as das pessoas ao seu redor. De acordo com essa afirmação, podemos considerar que, assim como Habermas (1983).

“Partindo de Hegel e chegando através de Freud, até Piaget, desenvolveu-se a idéia de que sujeito e objeto se constituem reciprocamente, e que o sujeito só pode tornar-se consciente de si em relação com – e na construção de um mundo objetivo” (p.16).

Na análise de uma narrativa também nos encontramos diante de duas possibilidades que se entrelaçam: o relato objetivo do narrador e o esforço do pesquisador para compreender o indizível no dizível, traçando uma lógica sequencial e explicativa.

No caso das pesquisas em identidade, em que a narrativa se constitui como método, o resultado é a história contada em conjunto pelo narrador – sujeito e pelo narrador - pesquisador, isto é, a partir da narrativa que o sujeito fez sobre sua vida através do tempo, tentando transmitir fatos vividos e experiências que adquiriu a fim de responder à questão “quem sou eu”, busca-se compreender o narrado na sua totalidade e dinâmica, relatando-a de forma que a análise seja evidenciada pela própria fala do narrador. Assim, o narrador e pesquisador se manifestam como co-autores.

A seqüência da história segue um caminho no qual os significados e sentidos são relacionados, fazendo emergir a metamorfose através da qual se constitui o processo da identidade. A cada mudança de personagem, a metamorfose se manifesta, contudo, as personagens são híbridas, isto é, as personagens são sínteses de outras pelo processo de negação da negação, de modo que, uma nova personagem carrega consigo tantas outras já vividas e ou projetadas.

A leitura da narrativa feita pelo pesquisador deve ser da totalidade em oposição a uma leitura fracionada e imediata, assim como não no sentido do esgotamento do conteúdo da história, mas no sentido de sua presença para a leitura feita.

“[...] a leitura – cada leitura – ex-põe a posição do poeta. Exposição da posição do poeta porque possibilita a obra. Ler é ex-pôr uma possibilidade”.(Knoll, 1983, p. 13).

Portanto, ao relatarem suas atividades no mundo em relação com o outro, o narrador permite ao investigador identificar o processo de identidade, assim como, possibilita fundamentar as condições sociais e historicamente engendradas que são reunidas em torno do indivíduo. Isto posto são possibilidades ou impedimentos de

adquirir uma identidade marcada por princípios de autonomia e emancipação, ou mesmo possibilidades de romper com esse processo.

Recebido em dezembro de 2016, aprovado em janeiro de 2017.

Referências bibliográficas

Aguiar, W. M. J. , Ozella, S. (2006). **Psicologia: ciência e profissão**, 26(2), 175. Recuperado em 23 de outubro de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200001&lng=es&tlng=pt.

Alves, C. P. (1997). **Quem sou eu? O Processo de identidade de uma jovem adolescente**. (2 a Ed.). Taubaté: Cabral Editora Universitária.

Bosi, E. (1994). **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Ciampa, A. C. (1987). **A Estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense.

Habermas J. (1983) **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. São Paulo, Brasiliense.

Habermas J. (1987). **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: L&PM.

Hegel, G. W. F. (1992). **Fenomenologia do Espírito**. 2 edição parte I, Petrópolis: Vozes

Knoll, V. (1983). **Paciente Arlequimada: uma leitura da obra do poeta Mario de Andrade**. São Paulo, Hucitec.

Lane, S. T. M. (1992). **Psicologia Social**. O homem em movimento. 10 Ed. São Paulo. Brasiliense.

Michelat, G. (1981). Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia. In: Thiollent, M. – **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo. Livraria e Ed. Polis Etda.

Queiroz, M.T.P. (1978). Relatos Oraís do indizível ao dizível. **Ciência e Cultura**. n 39 (3), março.

